

ALADI/CR/Ata 727
(Extraordinária)
3 de março de 2000
Hora: 12h às 12h 30m

ORDEM DO DIA

Incorporação ao Comitê de Representantes do Excelentíssimo Senhor Embaixador
Arturo Sarabia Better, Representante Permanente da Colômbia

Preside:

GUSTAVO IRUEGAS EVARISTO

Assistem: Noemí Gómez e Ruben Javier Ruffi (Argentina), Mario Lea Plaza Torri e María Elena García de Baccino (Bolívia), José Artur Denot Medeiros, Afonso José Sena Cardoso e Paulo Roberto Ribeiro Guimarães (Brasil), Augusto Bermúdez Arancibia e Flavio Tarsetti Quezada (Chile), Arturo Sarabia Better e Fabio Emel Pedraza Pérez (Colômbia), Miguel Martínez Ramil e Fidel Ortega (Cuba), José Rafael Serrano Herrera e Julio Prado Espinosa (Equador), Gustavo Iruegas Evaristo e José Luis Solís (México), Efraín Darío Centurión, Gloria Amarilla Acosta e Luis Alfonso Copari (Paraguai), Carlos Higuera Ramos e José Eduardo Chávarri García (Peru), Jorge Rodolfo Tálce e Elizabeth Moretti (Uruguai), Ruben Pacheco e Yaritza Barbosa (Venezuela).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas Penso.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo Mejía e Gustavo Adolfo Moreno.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão.

Nesta ocasião recebemos o Excelentíssimo Senhor Embaixador Arturo Sarabia Better Representante Permanente da Colômbia. Damos-lhe as mais cordiais boas-vindas, Senhor Embaixador.

O Senhor Embaixador Sarabia Better conta com uma ampla formação acadêmica. Seus estudos profissionais compreendem as áreas de administração, ciências políticas e direito, com especialização na Universidade da Colômbia e em universidades de outros países em temas da integração econômica e cooperação na América Latina. Dificilmente podemos encontrar uma formação mais ad hoc para esta reunião.

Em sua longa trajetória profissional desempenhou altos cargos políticos, ocupou também importantes postos de governo e no setor privado de seu país e em alguns organismos regionais. Foi Ministro da Educação, membro e Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos da Câmara de Representantes, Governador do Departamento do Atlântico, Diretor Geral do Instituto Colombiano de Comércio Exterior. Foi Representante Plenipotenciário da Colômbia junto à Comissão do Acordo de Cartagena, hoje Comunidade Andina, Presidente Executivo da Câmara de Comércio de Barranquilla e Secretário-Geral da Associação Nacional de Industriais. Foi membro da Junta Diretora do Banco do Estado, da Junta Monetária e do Fundo de Promoção de Exportações da Colômbia e foi também membro da Junta Diretora da Corporação Andina de Fomento.

O Embaixador Sarabia foi professor da Universidade do Norte, com sede em Barranquilla. Foi colunista em diversos jornais de seu país e publicou vários livros e ensaios.

Antes de ser designado Representante Permanente junto à ALADI era Presidente da Fundação Pró Democracia de seu país.

Ao dar-lhe as boas-vindas, Senhor Embaixador, ofereço-lhe a palavra. Muito obrigado.

Representação da COLÔMBIA (Arturo Sarabia Better). Muito obrigado, Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Embaixador Gustavo Iruegas.

Em primeiro lugar, desejo saudar atentamente os colegas Embaixadores, o Secretário-Geral da ALADI e os Secretários Adjuntos e demais colaboradores desta Instituição.

Quero também manifestar-lhes que me sinto muito honrado e muito satisfeito ao assumir hoje, nesta sessão formal e extraordinária do Comitê de Representantes, as funções de Representante Permanente de meu país.

Do mesmo modo quero manifestar-lhes minha satisfação por estar no Uruguai, país onde resido há poucos dias, e ao qual já comecei a querer. São múltiplas as circunstâncias, e os senhores as conhecem melhor do que eu, que tornam particularmente grata a permanência de todos os que chegam a esta bela nação.

Quero também expressar um reconhecimento a meu antecessor, o Embaixador Manuel José Cárdenas, quem elevou a Representação da Colômbia neste cenário, e agradecer também o Doutor Fabio Emel Pedraza, que me acompanha esta manhã, pelo diligente papel desempenhado durante o curto período em que esteve encarregado desta Representação.

Começo, então, por recordar que há onze anos, sendo Diretor do Instituto Colombiano de Comércio Exterior, tive a oportunidade de visitar esta sede. Naquela ocasião estive apenas umas poucas horas. Hoje voltei como Representante de meu país.

Talvez por isso, por saber que aqui estarei um bom tempo, minha intervenção desta manhã será de caráter geral. Já haverá tempo, nos próximos meses, para fixar critérios e para expor com maior precisão nossos pontos de vista sobre o que consideramos que deve ser o papel desta Organização. Hoje me limitarei, portanto, a manifestar-lhes minhas impressões pessoais sobre a integração econômica e suas vicissitudes. Sem outra pretensão, esclareço, que a de compartilhar dessas impressões com os senhores, cuja experiência nestas matérias é certamente tanto ou maior que a minha.

Minha primeira consideração é bastante óbvia, mas nem por isso posso deixar de mencioná-la. Refiro-me à conveniência e inevitabilidade da integração. Gostemos ou não, aos latino-americanos não nos resta outra alternativa, se queremos de verdade ir adiante, que fortalecer nossos processos de integração.

Esta é uma afirmação que soa sempre muito bem, e com a qual poucos estão abertamente em desacordo, mas a realidade é que a escutamos tantas vezes, e em tantos cenários, que quando alguém a invoca, como eu nesta manhã, um leve sorriso de ceticismo costuma aflorar entre os mais veteranos e curtidos promotores. Eles sabem que o caminho é longo e que há que perseverar de todas formas no empenho de integrar-nos. Disso se trata.

Porque o certo é que só se aumentamos nosso intercâmbio global, somente se levamos nossos produtos a outros lugares, poderemos conseguir que nossos países alcancem os níveis de crescimento, desenvolvimento e bem-estar que requerem. Ninguém defende já as propostas encaminhadas a manter as economias enclaustradas. Nem sequer aqueles protecionistas a morte, pois estes, como se sabe, cuidam-se muito bem de ocultar suas preferências para não destoar dos novos tempos. A causa da integração, da globalização ou da abertura, ou como queiramos chamar essas diferentes formas de relacionar-nos, é hoje de todos. Ou de quase todos.

Mas, uma coisa são os discursos e, outra, as realidades. Os processos de integração, para que obtenham êxito, devem superar muitas e complexas dificuldades. E esse é precisamente nosso papel: ajudar a solucioná-las. Para isso estamos os funcionários, os Representantes dos Governos. Não somos nós, porém, os que fazemos os negócios, que são, finalmente, os que dão vida a estes processos de integração. Nosso papel é outro. É construir canais, é estabelecer vias normativas que facilitem essas atividades. E esse encargo somente o obteremos se os empresários chegam e concretizam as vantagens que conseguimos precisar depois de árduas discussões.

São eles, os membros do setor privado, os que, por sorte, fazem os negócios. Nosso papel é ajudá-los e, por seu intermédio, a nossas sociedades, para que estas comerciem e se relacionem, velando sempre para que desse intercâmbio surjam novas possibilidades para todos, não apenas econômicas, senão especialmente sociais.

No desenvolvimento desta delicada tarefa de harmonização de interesses, nosso dever, logicamente, é ser extremadamente cuidadosos. E estar atentos para que os interesses particulares de alguns agentes econômicos nacionais não prevaleçam sobre os interesses gerais de nossas sociedades. Algo que nunca foi fácil, está claro.

Durante os primeiros anos de minha vida profissional tive a sorte de trabalhar do outro lado, do lado do setor privado. E desde essa margem pude observar algo que os senhores certamente já terão percebido: que a dinâmica dos processos de integração depende principalmente da forma como consigam resolver-se no seio dos diferentes países as tensões entre seus próprios agentes econômicos. Esse delicado manejo, mais do que nossa vontade ou nossa capacidade como Representantes de nossos Governos nos diferentes cenários da integração, é o que finalmente conta. E assim há que admiti-lo, com realismo.

Porque o certo é que os Estados, todos sem exceção, não alcançaram ainda a fortaleza e autonomia suficiente para neutralizar completamente as pressões exercidas em seu seio por seus variados agentes econômicos. Aquele que haja participado de alguma negociação internacional sabe perfeitamente quão árduo termina sendo o ofício de transcender essas visões setoriais. Isso é algo, repito, que ocorre em todas as partes, mesmo nas democracias mais sólidas. Isso pude constatar certa vez, e permitam-me que lhes relate esta anedota, quando, no âmbito de uma negociação de meu país com os Estados Unidos, seus negociadores me explicaram no ouvido que sua obsessiva reclamação por uma questão que os colombianos consideramos marginal: a suposta violação na Colômbia dos direitos de propriedade industrial dos produtores de filmes norte-americanos, tinha sua origem no fato de que o então Presidente Ronald Reagan era da Califórnia. E que seus maiores financiadores políticos, ao longo de sua carreira, haviam sido precisamente os produtores de Hollywood.

Pois bem! Isto mesmo aconteceu conosco, os latino-americanos. Ocorreu e continua ocorrendo aos negociadores europeus. Os sindicatos de caminhoneiros alemães, por exemplo, quase impedem que os audazes progressos alcançados na mesa de negociações pudessem lá concretizar-se. Aqui a meu lado tenho o Embaixador José Rafael Serrano, com quem participamos muito ativamente da negociação que culminou com a assinatura do Acordo de Galápagos, que, como os senhores recordarão, alentou substancialmente o então Grupo Andino e hoje Comunidade Andina das Nações. Nesse momento nos coube negociar com os empresários de ambos os países, sentados na porta do lugar onde deliberávamos, todos eles pendentes da sorte de cada um dos temas que estavam sendo tratados, e vendo como conseguiam neutralizar aqueles aspectos que pudessem prejudicá-los.

Assim são as coisas; quando nos desesperamos ou quando se desesperam os que nos observam, pela lentidão com que às vezes andam estes processos, é porque geralmente esquecemos ou se esquece algo muito simples: que estas tensões internas são permanentes e que nem sempre podem ser resolvidas facilmente. Entre outras razões, porque no meio destas pressões que se contrapõem, é como funcionam as democracias. Nosso êxito, no entanto, como negociadores, ou a dinâmica em si dos processos de integração a nosso cargo, estará sempre relacionado com o processo em si de fortalecimento de nossos Estados, com a sua crescente capacidade para ser mais autônomos na defesa dos interesses gerais e não tanto, na defesa dos interesses muito concretos de alguns de seus influentes membros, que são os que finalmente dificultam o avanço dos processos de integração.

A integração, não devemos esquecer, é um processo de mão dupla. Daí que as vantagens que um país obtém ao associar-se com outro nunca terminam sendo plenas ou totalmente favoráveis a seus interesses. Para avançar na concretização desses acordos, portanto, todos teremos sempre que fazer concessões.

Mas, estas concessões têm que ambientar-se, para serem compreendidas pelos povos. Por isso creio conveniente destacar o que disse aqui o Presidente da Venezuela, Hugo Chávez, na sexta-feira passada, quando destacou a necessidade de conseguir que nossos povos entendam os benefícios da integração. Essa tarefa é fundamental, e se bem não nos corresponde exclusivamente, aos Representantes dos países nestes órgãos multilaterais, sim creio que deveria ser nossa preocupação central.

Nos processos de integração, convém recordá-lo mais uma vez, há ganhadores e perdedores. Ou melhor: há setores de nossas sociedades que ganham mais do que outros. O importante, não obstante, é que nossos povos entendam que o que conta é que o país como um todo ganhe com a integração, que avance e se beneficie com ela. Isso é algo que todos nós, de uma forma ou outra, já experimentamos. Em nosso caso, colombiano, a experiência foi muito positiva. A reativação e consolidação dos diferentes processos de integração só nos trouxe vantagens. Nosso comércio global com os sócios aumentou, particularmente o que mantivemos com a Venezuela. E esse maior intercâmbio, por sua vez, contribuiu também para reduzir nossas tensões políticas, porque quando os negócios entre os países aumentam, a tentação de conflito se reduz.

Confio, então, que estas breves reflexões pessoais tenham alguma utilidade. O que expressei foi com o melhor espírito construtivo. Sou consciente, como tem que ser qualquer um que haja acompanhado o curso da integração recente na América Latina, de que a ALADI tem hoje, frente aos outros processos e mecanismos de integração, um papel que eu qualificaria de ambíguo. Não é fácil identificar com clareza qual pode ser seu melhor rumo.

Admito que esta é uma percepção inicial, que certamente mudarei com o tempo. Tomara que seja assim. E que seu panorama seja muito mais positivo. Mas, quero confessar-lhes que chego aqui com o convencimento de que vamos necessitar de muita imaginação para dar à ALADI um papel mais dinâmico. Somente se o logramos poderemos evitar que esta Instituição se enfraqueça e termine sendo arrasada completamente pelos demais processos de integração. Porque um dos maiores riscos que tem uma entidade, quando seu norte é difuso, é que disperse e dilapide suas energias.

Confio e coincido com meu antecessor, o Embaixador Cárdenas que a ALADI terá de qualquer forma um importante papel a desempenhar. Que suas atuais atividades de acompanhamento, de seguimento, de assessoria, dar-lhe-ão um espaço adequado. E será em favor desses objetivos, e dos que mais adiante se proponham, tal como deseja nosso Governo, que orientemos nossos esforços nesta instituição.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, distinto Representante da Colômbia.

Nosso Secretário-Geral também lhe dará as boas-vindas.

SECRETÁRIO-GERAL. Muito obrigado, Senhor Presidente.

Quero, em nome da Secretaria-Geral, dar as mais cordiais boas-vindas ao Embaixador Arturo Sarabia, que já conhecemos de referência, com quem tivemos a oportunidade de trocar idéias em diversas ocasiões em que nos encontramos e onde efetivamente pudemos detectar essa vontade de avançar e de aprofundar nossas atividades dentro de uma linha, que ele agora assinalava em seu discurso, de apoiar permanentemente os países nos

diferentes processos de negociação que em forma simultânea estão sendo realizados em diversos foros relacionados com o comércio e a economia internacionais.

Queria nessas breves palavras de boas-vindas, destacar o importante papel que desempenha seu país, a Colômbia, com o qual temos pessoalmente um vínculo afetivo realmente infindo. Além disso, a importância que sempre teve seu país desde o começo da história republicana nos processos de integração latino-americanos, integração que, desde a época da história, recordava estes dias o Presidente Chávez, vem dando-se inclusive desde o momento da guerra que libertou nosso Continente.

No passado recente, seu país desempenhou um papel transcendental na reatualização do processo de integração andina e desempenha um papel de muita importância nesta Associação, ao ser membro desse processo de integração sub-regional que nos é muito caro a todos e, além disso, por sua íntima vinculação com outros países da América Central e do Caribe, para os quais também se projeta nossa Associação.

Quero, com estas breves palavras, desejar-lhe em nome de todos nós o maior dos êxitos em sua gestão e desejar-lhe muita sorte. Saiba, Embaixador, que encontrará em nós permanentes colaboradores para sua tarefa como Embaixador, onde não apenas há que defender interesses nacionais, senão também compensá-los com interesses de toda a coletividade, de todos os demais países associados. E nesta mesma direção atuaremos dando-lhe todo o apoio que seja necessário para o melhor desempenho de sua função, e muito especialmente na linha assinalada em suas palavras quanto a fortalecer o processo de integração; e nesse sentido de fortalecer esse processo de integração, ir além, especificamente a nossa Instituição, apoiando todos os processos de negociação que se realizem no âmbito do Tratado de Montevideu 1980, que nos deu vida.

Damos-lhe as mais cordiais boas-vindas, Embaixador. Reitero-lhe o desejo de êxito e saiba que sempre terá as portas abertas desta Casa para procurar soluções conjuntas para os problemas que nos são comuns a todos os latino-americanos. Muito obrigado, Senhor Presidente.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Outra curta, mas muito oportuna, intervenção do nosso Secretário-Geral.

Despedida do Comitê de Representantes à Senhora Delfina Olaso, com motivo de sua cessação como funcionária da Secretaria-Geral da Associação.

SECRETÁRIO-GERAL. Muito obrigado, Senhor Presidente.

Sem ânimo de embaçar a alegria das boas-vindas ao Embaixador Sarabia, hoje a Secretaria se sente triste. No dia de hoje, nossa querida companheira Delfina Olaso está participando de sua última reunião do Comitê como funcionária da Secretaria-Geral, e eu queria que o Comitê nos acompanhasse um pouco na despedida que lhe estamos fazendo.

Se não fosse muito pedir-lhes, solicitaria um voto de aplauso para que o leve como lembrança de todos nós. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Convidamos os Senhores para o tradicional vinho de honra em homenagem ao Senhor Embaixador Arturo Sarabia Better.

Encerra-se a sessão. Muito obrigado.
